

PRÁTICAS E REFLEXÕES CONSTRUÍDAS NO FAZER COTIDIANO DO PROJETO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA ‘ALFABETIZAÇÃO’ (UFPR)¹

Márcia Baiesdorf²
Maria Aparecida Zanetti³
Leziany Silveira Daniel⁴

O presente trabalho resultou das práticas e das reflexões realizadas ao longo dos últimos meses (outubro de 2022 a setembro de 2023), no interior das experiências possibilitadas pelo Programa Residência Pedagógica “Alfabetização”, da Universidade Federal do Paraná. O projeto está sendo desenvolvido na Escola Municipal Anísio Teixeira, do município do Curitiba, com turmas do 2º e 4º anos do Ensino Fundamental e em uma turma de Educação de Jovens e Adultos. Estão envolvidos neste processo formativo além de 3 professores-orientadores, 3 professores regentes da escola e cerca de 15 estudantes do Curso de Pedagogia. O objetivo principal do Projeto é o de construir possibilidades para a prática pedagógica nos processos de alfabetização e letramento, com base na reflexão teórico-metodológico e no trabalho coletivo.

Ao longo deste período de desenvolvimento do projeto foram realizadas inúmeras reuniões coletivas para reflexão e planejamento das práticas a serem desenvolvidas nas 3 turmas do Projeto. Partilhou-se referências comuns, assim como se estudou bibliografias específicas, de acordo com a necessidade de cada grupo.

Tivemos como temáticas integradoras do grupo “temas freireanos” e “temas anisianos”. Tratou-se de encontros mensais, nos quais eram estudados temas de fundamentação e também com a possibilidade de realização de oficinas. Esses encontros foram iniciados com a confecção de mandalas, representativas de uma construção conjunta de conhecimentos e nas quais os estudantes registram palavras significativas e relacionadas as expectativas ao encontro da escola. Ocasão em que também se acordou que individualmente o grupo faria o registro no formato de portfólio e organização de um drive coletivo a fim de sistematizar elementos da prática pedagógica, posteriormente compilados e analisados na finalização do projeto.

1 Projeto financiado pelo Programa Residência Pedagógica, do Ministério da Educação, Brasil.

2 Professora Doutora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná - PR, marcia.baiesdorf@ufpr.br;

3 Professora Doutora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná - PR, cidadzanetti@yahoo.com.br;

4 Professora Doutora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná - PR, leziany.daniel@ufpr.br

A primeira leitura, relacionada ao tema integrador freiriano, foi a obra de Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia*, em que pudemos discutir sobre um planejamento em diálogo com o lugar e a comunidade da qual a escola é parte. Como desdobramentos desse estudo foi possível realizar caminhada e roda de conversa com os moradores do bairro, bem como participar da festa da comunidade, anualmente realizada pela escola, tratando de assuntos relacionados a configuração histórica, sócio-econômica e cultural da Região do Atuba, que dá nome e explica a origem da capital paranaense, bem como está ligado a Região Metropolitana de Curitiba, visto que a escola recebe alunos do município de Colombo.

Entendemos que conhecer a comunidade na qual se insere a escola contribui para a nossa própria humanização enquanto profissionais da educação em formação sempre. Nos traz a possibilidade de ver a comunidade no seu acontecendo, escutar, sentir, pensar sobre, ser afetado e afetar a comunidade, além de compreender as presenças e as ausências e quem elegemos para nos contar sobre a comunidade. Nos ajuda a pensar as aproximações com os educandos no processo humano-pedagógico da escola, que é político e, finalmente, nos ajuda a ancorar nossa prática pedagógica.

Inspiradas no nome da escola, fez-se leitura da obra *Educação não é privilégio*, de Anísio Teixeira, discutindo os chamados “temas anisianos”, entre eles, o papel da escola pública, a concepção de educação integral, entre outros. Procuramos não incorrer nos riscos de cometer anacronismos das ideias “anisianas” para o tempo atual, mas entendemos suas potencialidades para reafirmar o papel central da escola “pública, universal e gratuita” (TEIXEIRA, 1957), na formação de alfabetizados e leitores, conscientes de seus direitos de aprendizagem, principalmente após os desafios colocados pela Pandemia COVID-19. Com estes amálgamas identitários, construímos nossas experiências com as turmas, que passamos a dissertar a seguir.

Na turma do 2º ano do Ensino Fundamental do período da manhã, a proposta pedagógica foi desenvolvida a partir da abordagem do gênero textual carta, com o objetivo de trabalhar a alfabetização por meio de práticas significativas aos estudantes, considerando a marca de afetividade que o gênero permite expressar. Para desenvolver este trabalho, foi realizada a leitura do livro “O carteiro chegou” de Allan Ahlberg, seguida de uma apresentação sobre os elementos que estruturam a carta, assim como foi proposto que os estudantes escrevessem cartas aos colegas de turma. A confecção das cartas contou com papéis de carta, envelopes e uma caixa de correio exclusiva da turma, a qual poderia ser um elemento incentivador da escrita, uma vez que pode ser utilizada além desta prática específica.

A confecção das cartas foi realizada de maneira individual, mas com o auxílio das residentes. Cada criança poderia escrever sozinha ou contar com o residente como “escriba”. Essa prática foi realizada com muito entusiasmo pela turma, assim como foi um momento importante para que os residentes percebessem as hipóteses de cada criança sobre o sistema alfabético para então realizar as mediações necessárias nesse processo de alfabetização. A escrita de cartas se estendeu para além da turma, pois o grupo também enviou correspondência para os/as educandos/as da EJA, estudantes do noturno na mesma escola, através da escrita de carta coletiva.

Nesta experiência, entendemos que a troca de correspondência se tornou um elemento permanente na prática de alfabetização e de construção de um ambiente alfabetizador na escola, pois todo aprendizado é um processo e, como tal, só faz sentido ao indivíduo que o empreende se o conteúdo a ser aprendido também for. O trabalho com cartas mostrou-se pertinente uma vez que proporcionou às crianças a iniciação ao gênero textual carta, e através dele a ampliação do repertório cultural e linguístico uma vez que a iniciativa aproximou afetivamente remetentes e destinatários. Ao se conhecerem a partir de suas próprias escritas (palavras), as crianças apropriam-se do sistema alfabético em sua função social.

No grupo da tarde, em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental, tomou-se como premissa o fato de que as crianças desta turma eram alfabetizando no período da pandemia e muitas das questões e desafios daquele momento sobre o processo de alfabetização e letramento continuam sendo foco de análises neste momento. Entende-se que ainda hoje, mesmo vivenciando-se um período considerado pós-pandemia, a escola precisa garantir sempre uma “retomada” muitas vezes daqueles conhecimentos ou aprendizados que as crianças ainda não consolidaram, como forma de respeitar o seu direito de aprender (COLELLO, 2021).

Em especial, chamou-nos a atenção o fato do “Farol do Saber” (biblioteca) da escola estar fechado, sem a presença de profissional disponível e preparado para propiciar o empréstimo de livros às crianças. O fato deste espaço estar fechado, especialmente, em uma escola situada em uma comunidade com vulnerabilidade social, mostra um descaso público com este espaço tão importante como “lugar de interações e mediações cujo papel precípua é atuar na formação de leitores” (ROSA, 2021, p. 63). A professora regente que já realizava inúmeras práticas de letramento literário, sugeriu que pudéssemos ampliar essas práticas, no interior da sala de aula. Algumas iniciativas, como: Empréstimo de livros - foram confeccionadas carteirinhas pelos residentes e disponibilizados livros pela professora regente, no qual a cada 15 dias, organizam-se os livros nas mesas do refeitório da escola e as crianças

são chamadas para devolver e retirar outro livro; Bookflix - é um painel fixado no corredor da escola, expondo os livros indicados para leitura pelas crianças; e Sacola Literária - que consiste em uma sacola de tecido especialmente produzida para este fim, com pinturas de personagens da literatura e folclore, sendo compostas por 14 livros para compor a sacola, na qual a cada semana é sorteada uma criança que ficará com ela.

Por fim, no período noturno, trabalhamos com uma turma de EJA. Destacamos a centralidade do humano, nas suas condições sócio-econômicas e de suas identidades que tem rosto, têm marcas. Sua visibilização é política, porque a sua invisibilização, pelo olhar pedagógico padronizado, massificado, em abstrato nas práticas educativas também é político, ou seja, se define a favor de quê e de quem e contra quê e contra quem, na oposição de uma pedagogia que emerge das gentes e se faz com elas em relação a uma pedagogia feita para ou sobre as gentes, enquanto educação bancária.

Com base na pedagogia emancipadora, problematizadora de Paulo Freire, buscamos conhecer a comunidade local onde a escola se insere e, conseqüentemente, os/as estudantes, moradores dessa realidade. Nesta concepção, tem centralidade a história de vida das gentes da EJA, com suas especificidades, conhecimentos, vivências, memórias, afetos e percepções de mundo. Do ponto de vista da práxis pedagógica, que dialoga com essa concepção, foram construídas escrituras, enquanto registro de memórias de suas vivências. Vivências essas marcadas por afetos, saberes, sensações, percepções e reflexões. Para dar corpo a essas memórias, desenvolveram-se atividades como: visita ao Parque Atuba, pesquisa e registro sobre as propriedades e usos das plantas e ervas nativas do Parque, memórias e saberes dos estudantes sobre essas plantas, confecção de sachês com as essências dessas ervas, palestra com especialista em meio ambiente, participação na Festa Cultural da escola com a temática “De lá para cá, o Atuba como está?”, construção coletiva de uma poesia, dentre outros. Ainda contextualizando o tema, na exploração das memórias sensoriais, o paladar entrou em cena, com a receita degustada do bolo de milho, extraído do livro Comidas de Afeto, de Elza Carneiro e Luciana de Moraes.

O coletivo do Projeto Residência Pedagógica do curso de Pedagogia - alfabetização pôde, neste tempo, partir do saber de experiência feito para construir e reconstruir conhecimentos, tomando por referência o que nos diz Freire que “a cabeça pensa onde os pés pisam”, neste caso, no Atuba, com as histórias de vida das gentes da Educação de Jovens e Adultos.

Dessa forma, até o momento presente, o projeto Alfabetização vem se consolidando em um espaço de criação de práticas pedagógicas e de planejamento coletivo, dimensões

importantes para que a docência seja uma experiência partilhada e de modo a favorecer o compromisso com a aprendizagem, uma vez que as crianças, os jovens e os adultos envolvidos em seus próprios percursos de conhecimento, são tomados em contexto e em interação, o que torna o processo singular, inclusivo e comprometido com o êxito de todos os envolvidos. Nos meses restantes do Projeto há ainda o terceiro ciclo formativo voltado a sistematização da prática e seus registros, momento constitutivo do saber de experiência feito e refletido pelos estudantes e com as professoras da escola regentes das três turmas acompanhadas pelas coordenadoras da UFPR.

Palavras-chave: Residência pedagógica; Alfabetização; Escola pública.

REFERÊNCIAS

COLELLO, Silvia M. Gasparian. Alfabetização em tempo de pandemia. **Convenit Internacional 35**, jan-abr 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

ROSA, Ester Calland de Sousa. A biblioteca como instância de formação de leitores. In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.) **A função da literatura na escola**. Resistência, mediação, e formação leitora. São Paulo: Parábola, 2021.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1957.